

# MAGÏMAKÍA

A BUSCA POR MERLÏN



RAFAEL LOVATO

MAGÏMAKÍA  
A BUSCA POR MERLÏN

1ª edição

Campo Grande, Brasil

2015

Editora Zap Book

© Copyright 2015  
Zap Book

Proibida a reprodução parcial ou total dessa obra sem a autorização do autor e editores.

Direitos de edição dessa obra reservados a Zap Book Editora e Livraria.

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Catalogação na publicação: Shill Pettian – CRB-8/6707

Lovato, Rafael.

Magimakía – a busca por Merlin / Rafael Lovato. Campo Grande, MS: Zap Book, 2015.

280 p.

ISBN 978-85-67848-19-8

1. Literatura infantojuvenil. 2. Aventura. 3. Fantasia. 4. RPG.  
I. Lovato, Rafael. II. Título.

CDD: 028.5

---

**Autor:** Rafael Lovato

**Título:** Magimakía – a busca por Merlin

**Categoria:** Juvenil, aventura, fantasia, RPG

**Editor:** Roberto Pelegrino

**Coeditor:** Pedro Henrique Galvão

**Ilustração da capa:** Manoela Boianovsky da Costa

**Diagramação e arte-final:** Richard Veiga

**Revisão:** Mário Feijó

1ª Edição – 2015

**Editora Zap Book**

Rua Spipe Calarge, 221 – Campo Grande – MS

Fone: (67) 3027 2502

Site: [www.zapbook.com.br](http://www.zapbook.com.br)

E-mail: [contato@zapbook.com.br](mailto:contato@zapbook.com.br)

*Para André Luís Lovato,  
Vinícius Wittke e  
Francisco Bülow Fiegenbaum,  
parceiros de história,  
ideias e soluções.*

*Para James McSill,  
por certo um mago.*

*E para Melissa que,  
bruxa ou não,  
enfeitiça-me todos os dias.*



## NOTA SOBRE A NARRATIVA

**N**A NOITE DO DIA SETE DE JANEIRO DE DOIS MIL E TREZE FOI A PRIMEIRA VEZ EM QUE O GOBLIN ME CONTATOU, E JUREI QUE SÓ PODIA SER BRINCADEIRA. Ora, eu e o mundo inteiro sabíamos muito bem que goblins não existiam. Mas, papo vai, papo vem, tanto ele insistiu que me apresentaria uma história ‘fantástica, fabulosa e estupenda’, que me deixou curioso, e aceitei encontrá-lo.

Daquele encontro, eu esperava qualquer coisa. Um vizinho usando uma máscara ou um parente me pregando uma peça. Vai saber. Imagine, então, qual não foi minha surpresa ao ver, no exato horário combinado, um goblin de verdade entrar pela porta da minha casa! Baixinho, tom de pele de um verde estranho, nariz grande e com enormes olhos redondos e grandes orelhas pontudas! Eu me senti vivendo dentro de um desses filmes de fantasia! E, a parte mais esquisita nem foi essa. Esquisita e assustadora, isso sim. O baixinho trouxe um gigante a tiracolo, que precisava andar abaixado para caber na sala e que, no chão em frente aos meus pés, largou três grandes livros.

Não restou dúvidas de que minha cara deixava claro o meu espanto, pois o goblin olhou para mim e soltou uma risadinha estridente enquanto apontava para o gordo gigante, explicando-se:

— Meu troll de companhia! — E, falou aquilo como se o fato de possuir um troll para carregar livros por aí fosse algo normal! Por sorte, logo em seguida o troll, que, não pude deixar de perceber,

possuía uma cabeça pequena e desproporcional para seu corpanzil, foi embora sem dizer palavra. Ufa!

Passado um pouco do meu susto, assim que nos apresentamos, o goblin condicionou que eu jamais citasse seu nome, em qualquer momento. Deveria me referir a ele apenas como o ‘fantástico, astuto e magnânimo goblin’. Certo, até parece. Ist o posto de lado, para encurtar a história, pois o goblin falava sem parar. Ele jurou, sob pena de lhe cair ambas as orelhas (o que imagino ser algo muito terrível para goblins), que ele mesmo vivenciou e ‘viu com olhos arregalados’ o que me apresentou. E é bem verdade que, enquanto me contava suas histórias mirabolantes, sempre muito animado, puxando os dedões dos pés e dando cambalhotas (o motivo para isso achei melhor não perguntar), ele me mostrava ‘documentos irrefutáveis’ para comprovar o que falava, ao menos era assim que ele os chamava. E, que nada mais eram do que toda a sorte de pergaminhos, desenhos e anotações que retirava de infindáveis sacos e bolsinhas pendurados em seu cinto.

O motivo de ele me procurar, segundo frisou mais de uma vez, foi para ‘contar ao universo sobre a Magimakía’. No momento em que perguntei o que aquilo significava, ele esclareceu que se tratava da palavra goblin para descrever ‘A Grande Batalha dos Magos e Bruxas’. Em suas próprias palavras, ‘um terrível e um tanto quanto sangrento conjunto de batalhas e conspirações que envolveram inúmeros mundos mágicos, de várias dimensões do universo’. Ainda segundo o goblin, os acontecimentos principais ocorreram na dimensão dos magos e bruxas, no planeta Magus, e que nós conhecemos por Terra.

E foi naquela altura da conversa que eu perguntei sobre os três enormes e empoeirados livros que seu gordo troll de companhia largou no meio da minha sala. O goblin respondeu que se tratavam das principais fontes que falam da Magimakía, escritos em latim e pertencentes a coleções distintas. Os que se encontravam em cima, parte da coleção ‘Livros da Ordem dos Magos e Bruxas’, eram o



volume XCV do Tomo XXXI (que, pelos meus cálculos, corresponde ao ano de mil novecentos e noventa e cinco) e o volume X do Tomo XXXII (correspondente ao ano dois mil e dez). E ele salientou várias vezes que as páginas mais importantes eram as escritas com tinta vermelha. O outro, o ‘Livro Dourado do Grande e Fabuloso Compêndio da História Goblin’, escrito com letras miúdas e bem complicado de ler, segundo ele era todo importante. É, vindo dele, eu nem esperava comentário diferente.

Enquanto conversávamos, a cada minuto o goblin repetia ‘estou só emprestando os livros, e espero recebê-los de volta na mesma condição’, eu o tranquilizei reforçando que cuidaria muito bem deles. Antes de ele ir embora, e fiquei aliviado que o troll de companhia não voltou para buscá-lo, pois corria o risco de ele pisar sobre um dos meus gatos e nem perceber, o goblin sugeriu várias coisas. A principal delas foi que, uma vez que a Magimákia fosse publicada para todos do universo lerem, o melhor era eu me preocupar em traduzir corretamente a história contada naqueles ‘valiosíssimos e insubstituíveis livros, em especial o Fabuloso Compêndio’, sem me ater a detalhes de menor importância. Inclusive pela dificuldade dos ‘não goblins’ em transcreverem expressões, palavras e nomes goblins, conforme ele mesmo admitiu, enquanto soltava uma de suas estridentes risadinhas.

Após refletir bastante sobre a questão, acabei aceitando a sugestão do goblin. Assim, ao traduzir as histórias dos três livros, utilizei a contagem temporal da Terra, bem como expressões linguísticas usadas por nós. E, claro, adaptei nomes, em particular os dos goblins, pois os originais eram ilegíveis e impronunciáveis!

Ah, quase esqueço! Outro fato muito importante que preciso mencionar é o seguinte. Enquanto trabalhava na tradução dos livros, percebi que, apesar de escritos em mundos de dimensões diferentes, as narrativas dos magos e goblins tratavam de situações que aconteceram ao mesmo tempo. Por esse motivo, organizei-as de modo cronológico, para todos compreenderem com facilidade a

sucessão de terríveis e incríveis eventos que aconteceram naqueles dias negros para o universo. E, um tanto trágicos para o mundo dos magos e das bruxas.

Além disso, conforme o goblin sugeriu, claro que traduzi as narrativas o mais fiel que consegui, e não modifiquei um único fato sequer das histórias originais. Sim, porque não gostaria de ter de me entender com seu enorme troll de companhia!

A última coisa que perguntei ao ‘fantástico, astuto e magnânimo goblin’, antes de ele ir embora foi qual o motivo dele querer que eu traduzisse aquelas histórias. Ele respondeu que, no final, eu entenderia que... Ora, não estragarei a surpresa! Leiam vocês mesmos e entenderão também.

*Rafael Lovato*

MAGUS MERLIN.  
ILLUM AD LIBERANDUM, SACRIFICA  
MAGUM, ANGELUM DAEMONEMQUE.

MMDCCLXXI ANNO MAGORUM.  
MDXI ANNO DOMINI.

Inscrição encontrada no mausoléu do mago Merlin.  
Livros da Ordem dos Magos e Bruxas,  
Anotação na página CCCXXIX,  
volume X do Tomo XXXII,  
citando a página CXCVIII do Volume XI, Tomo XXVII.  
Escrita com tinta vermelha e sublinhada duas vezes.





# PRIMEIRA PARTE







## Tradução um

**L**OGO QUE COMECEI A LER O ‘FABULOSO COMPÊNDIO’, admito que achei esquisita a maneira dos historiadores goblins narrarem as histórias. Mas, na mesma hora me lembrei do ‘fantástico, astuto e magnânimo goblin’ puxando os dedões dos pés e dando cambalhotas na minha sala, meio lelé da cuca, concluí que era bem adequada!

Além de adorarem a expressão ‘meus queridos goblins’, os historiadores goblins me passaram a impressão de que se resumiam a transcrever o que ouviam, adicionando comentários pessoais aqui e ali. Por via das dúvidas, não mudei qualquer coisa, pois assim que pensei no goblin, também me lembrei do seu troll de companhia! E, nada me tira da cabeça que o baixinho fez aquilo de propósito, justo para eu traduzir com precisão o que está escrito nos livros. Funcionou, porque foi exatamente o que fiz, como vocês poderão ler a seguir na primeira fábula sobre a Magimakía que encontrei no Compêndio.

Meus queridos goblins, parem de contar riquezas por um minuto e empinem ambas as orelhas, porque lhes deliciarei com uma fábula de talvez descoberta e quiçá oportunismo! Nela, nosso herói, goblin dos mais valentes que já desbravou as terras e vales de Goblinantrum, arriscou a própria vida e de seu troll de companhia para nos entregar informações das mais importantes e preciosas! Isso mesmo!

Era uma tarde quente, para a estação fria do mundo dos elfos e elfas, e nosso herói, Gorrie, sempre atento e intrigado, como todo goblin que se preze, bisbilhotava o vai e vem de demônios através dos portais mágicos entre as dimensões. E, nest e aspecto, servir e lucrar há mais de vinte anos naquela dimensão fez com que desconfiasse

de que algo incomum ocorria. Sim, pois era improvável ver tantos demônios transitando por Elysium! Claro que, num piscar de olhos, Gorrie lembrou o que outrora escutou dos ventos que lá sopram, que, na época dos duelos élficos, aquela frenética movimentação era normal. E, não só de demônios, mas, de criaturas de várias dimensões do universo!

No entanto, o avantajado e invejável cérebro goblin de nosso herói logo apontou que os próximos duelos élficos, que ocorrem a cada cem anos, só aconteceriam dali a quinze anos! Isso mesmo! O que é que, então, acontecia?

Gorrie, tomado por profundo senso de dever e honra com a nação goblin, abandonou por instantes seus interesses pessoais e se empenhou em buscar dados e informações para todos nós! Mas que desapego! Que herói! Prestando uma atenção goblin aos acontecimentos, ele logo percebeu que muitos dos demônios chegavam apressados, cheios de cochichos e sussurros. E, isso, ele sabia, era algo de se esperar de goblins e elfos, mas não envolvendo demônios no contexto! Não mesmo! Em especial pelo fato de que, como todos sabem, são entidades mágicas inferiores, nada espertas e nem um pouco confiáveis! Rá, rá, rá!

Bom, de volta à saga de Gorrie, ao ver aquilo seu formidável cérebro goblin logo lhe descortinou que tramavam algo, aquelas criaturas desajeitadas e malcheirosas, e que ele precisava saber mais! Sim, e aqui peço licença para chamar atenção e apontar que assim é que goblins de respeito operam e transitam entre as dimensões: buscando informações para apresentar a Goblinantrum onde todos saem lucrando! Isso mesmo, pois enriquecemos vendendo o conhecimento que outros não possuem! Um triunfo!

E nosso herói sabia muito bem disso, tanto que chamou seu troll de companhia para perto de si e se teleportou, fantástico, para dentro do palácio élfico onde os demônios entravam! Mas que coragem, que desapego com a própria vida, Gorrie nos ensina! E que sangue frio! Sim, pois precisou de muitas horas de paciência, cuidando para não



ser descoberto e ouvindo cochichos da emonianos desimportantes, até o momento triunfal que agora lhes apresento. Lá vai!

Gorrie se encontrava prestes a se entregar à tristeza, pois pensou que falharia em sua missão para com o mundo goblin. No entanto, eis que conseguiu entrar em suntuosa sala e escutou uma conversa entre elfos e demônios. E, não foi qualquer conversa. Na-na-ni-na-não! Foi a Conversa! Não conseguiu descobrir os nomes ou ver os interlocutores, pois se encontrava de tal forma espremido e apertado no esconderijo, acompanhado por seu enorme troll de companhia, que mal respirava!

Porém, não conseguir nominar quem conversava é o que menos importava naquele momento! Sim, meus queridos goblins, o que de fato nos interessa é a informação que nosso herói colheu! Estupenda! Empinem as orelhas!

— Elysium tenta há muitos anos e sem sucesso encontrar um mago para essa tarefa – um elfo alertou, com voz suave e lenta. – Estão certos de que ele se unirá a Daemonion?

— Sim. Ofereceremos algo que ele não refutará – um demônio respondeu, com sua alta, grave e desagradável voz.

— Saliento que necessitamos de um mago que se encontre disposto a... Como posso dizer? – E o elfo pausou. – Ajudar-nos. E, principalmente, que seja detentor de considerável conhecimento e poder.

— Ele é o mago mais poderoso vivo...

— Afora Merlin – outro elfo apontou.

— Ora, senhores – um demônio bufou. – Após quinhentos anos desaparecido, é seguro assumirmos que Merlin esteja morto.

— Certo. Bom, se o mago que vocês proverem conseguir completar a tarefa proposta, o Conselho de Elysium se encontrará favorável à discussão do outro acordo... O envolvendo os duelos.

— Excelente. Saliento que esse é o principal interesse de Daemonion.

— E quando entregarão o mago? É imperioso que seja sem tardar, em especial pelo fato de que o Conselho não tratará sobre o outro acordo perto da época dos duelos.

— Sim, compreendemos perfeitamente. Ele nos informou que possui assuntos pendentes, e que precisa resolvê-los antes de se juntar a nós. Inclusive, até onde sabemos, envolve o descendente de Merlin, James Drake – e os demônios gargalharam, quase se engasgando com a própria saliva.

— Esse tal de James Drake é, de fato, descendente dele? – Um elfo inquiriu.

— Sim. Informação goblin.

Ali que eu digo! Meus queridos goblins permitam-me interromper nesse ponto para apontar a enorme credibilidade que as informações goblins possuem entre as dimensões! Observem que, mesmo um demônio, com sua parca capacidade intelectual, ainda assim, conseguiu discernir a seriedade e confiabilidade de nossas informações. Um triunfo!

Bom, vamos prosseguir:

— Elysium se opõe a que o mago resolva a situação conforme entender adequado? – Outro dos demônios perguntou.

— Em absoluto. Com Merlin morto, não possuímos interesse em seus descendentes. Em especial pelo fato de que soubemos que esse tal de James não herdou sua excelência mágica, não passando de um mago mediano.

— Então está acertado – e os barulhos que Gorrie escutou indicavam que se levantavam, encerrando aquela reunião. – Nós cumprimos nossa parte. Cumpram a de vocês, elfos – e saíram da sala.

Claro que Gorrie gostaria de retornar o quanto antes a Goblinantrum e nos entregar essas fabulosas informações. No entanto, as magias e o teleporte daquela tarde consumiram sua energia mágica gobliniana. Exato! Precisava aguardar enquanto recarregava, para só então conseguir abrir um portal mágico, para si e para seu

enorme troll de companhia, na nossa dimensão. E, aguardar foi o que ele fez, por horas e horas, espremido naquele esconderijo, até, triunfalmente, concluir seu plano e entregar à nação goblin essas fabulosas informações que lhes narrei. Que goblin!

Aqui encerra essa pequena fábula de heroísmo e triunfo, que entregou a Goblinantrum a sapiência de que, sem dúvida, demônios e elfos cozinhava m algo, e que não cheirava nada bem! Devemos acompanhar essa situação com olhos arregalados, pois envolvem magos e os duelos élficos. Ainda mais que, como todos sabem, o prêmio dos duelos é, nada menos, do que o direito de uma raça mágica explorar por um século um mundo inteiro! Já pensaram? Isso é poder e riqueza mais do que suficientes para virar a cabeça de qualquer goblin, seres inteligentíssimos, racionais e safos! Imaginem o que faz com os pensamentos do resto das criaturas, em especial dos tontos dos demônios!

Ai, ai, ai! Meus queridos goblins, arregalem os olhos e empinem as orelhas, e se preparem, pois nada impedirá de se realizar a profecia goblin sobre a Magimakía. Ela se avizinha, e, quando chegar, chacoalhará as fundações das dimensões do universo! Mantenham seus trolls de companhia bem perto!

---



## Tradução dois

**D**IFERENTE DO 'FABULOSO COMPÊNDIO', nos livros da Ordem dos Magos e Bruxas não são historiadores que contam as histórias. Nada disso. São os próprios magos e bruxas! E, cada um conta do seu jeito, o que achei muito legal.

Além disso, o goblin acertou ao repetir que nas páginas escritas com tinta vermelha eu encontraria histórias interessantes. Encontrei mesmo. No volume XCV, do Tomo XXXI, elas são narradas por um mago chamado Benjamin Davies, que as conta a partir de memórias que coletou do amigo James Drake. E ele começa contando que seu ‘excelente amigo James’ andava em uma escura e assustadora floresta. E não se encontrava sozinho naquela noite, mas acompanhado pelo anjo Galizur, o demônio Marbas e o mago Cavaleiro de Merlin Riley Drogo... Ora, o que estou fazendo? Ao invés de eu contar, é bem mais interessante vocês lerem a tradução que o próprio Benjamin escreveu, pois ele sabe contar a história muito melhor!

Enquanto meu amigo James caminhava à frente do grupo, ele se lembrou da inscrição ‘Nunca confie em anjos e demônios’, escrita no brasão da Ordem dos Magos e Bruxas, e contraiu os lábios, meneando a cabeça. Ingenuamente, preferia só contar com o sacrifício de magos para libertar Merlin de seu mausoléu. Ou, mesmo goblins, que aceitavam qualquer coisa desde que pagassem seu preço. Mas, não era possível, e para piorar ainda mais as coisas, atormentava-o a sensação de que, a qualquer momento, uma entidade mágica pularia detrás de uma daquelas árvores e arrancaria sua cabeça!

No entanto, por sorte, não foi o que aconteceu. Ao invés disso, ouviu um estalo e se virou depressa na direção do som, mas pouco enxergava naquele negrume. Também, só o que possuíam iluminando o caminho era a luminosidade azulada do globo de energia azul dos magos pairando perto de seu ombro.

— Vocês ouviram isso? – Murmurou olhando para o grupo.

— Não... – Drogo respondeu, encolhendo os ombros. – Ao menos nada que chamasse minha atenção.

— Nem a minha – completou o anjo Galizur.

— Ok... – Respondeu olhando para o enorme Galizur, que era uma vez e meia a altura de Drogo. No entanto, isso nem foi o que mais chamou a atenção de James, e, sim, as vestes do anjo, que lembravam a armadura de um centurião romano! E, isso

invariavelmente lhe entregava a sensação de que se encontrava em uma cápsula do tempo.

Deixando o anjo de lado, James voltou os olhos para a frente e retomou a caminhada com seu globo de energia azul, pouco ajudando para não tropeçar de momento em momento. Mesmo estudando cada passo, galhos podres a toda hora agarravam a barra inferior da túnica azul parecendo querer lhe passar um tranco. Mesmo o pontudo chapéu, pesado que estava pelo sereno absorvido, já havia sido derrubado várias vezes de sua cabeça por galhos traiçoeiros.

Com dificuldade, venceu uma pequena elevação do terreno, e foi naquele instante que ao longe avistou o familiar ícone fluorescente e que quase não viu, tão densa estava a escuridão naquela floresta. Quanta excitação percorreu seu corpo, pois aquela estatueta era indício claro de que se encontravam no lugar certo! E era a mesma imagem do dragão Astarot bordada no *tip-top* azul que ele, poucas horas antes, depositou sobre a ainda discreta barriga de sua esposa Emily. ‘Lindo!’, foi o que ele falou, e Emily respondeu: ‘Bordei em comemoração à descoberta da localização do mausoléu de Merlin. Será hoje!’.

— Ali, o dragão de Merlin! – Apontou e avançou a passos firmes na direção da estatueta.

Mesmo falando baixinho, a voz ecoava e se perdia nos grossos troncos das árvores engolidas pelas sombras. Mais uma vez, assaltou seu cérebro a noção de que havia muito mais do que só eles quatro naquela floresta, e intuiu que deveria sair dali, voltar para casa. E quão acertada se encontrava sua intuição! No entanto, o senso de dever falou mais alto. Sabia que precisava prosseguir, pois acreditava, com cada fibra de seu ser, que dele dependia o futuro dos magos e bruxas, no que não se encontrava equivocado.

Com aqueles pensamentos em mente, apressou o passo e tropeçou em uma pedra, o que tremulou seu globo de energia azul dos magos. Pensou que gostaria muito de limpar o chão com magias, e se livrar daquele monte de pedras e galhos. No entanto, lembrava

muito bem das histórias que escutou sobre aquela antiga e negra floresta, e concluiu que as árvores provavelmente não aprovavam a ideia.

— Prestem atenção onde pisam. Essa floresta é ardilosa – e se escorou em um tronco para recobrar o equilíbrio, olhando, uma vez mais, para o grupo. – E, por favor, nada de magias. Melhor não corrermos o risco de irritar essas árvores.

— E, tente ser menos barulhento, Marbas – Drogo falou olhando para o demônio, enquanto puxava a capa negra que um galho prendeu. – Do contrário, a floresta inteira saberá que estamos aqui.

Marbas aquiesceu com um aceno de cabeça, e James mal acreditava que o demônio conseguia ser ainda maior do que Galizur! Para ser exato, uma cabeça mais alto, afora os chifres! Além de possuir o dobro da largura! E, naquela noite, mesmo andando arqueado no meio da escura floresta, Marbas esbarrava seus chifres em muitos galhos nas copas das árvores, origem do barulho e reclamação de Drogo. Quer dizer, ele também poderia estar reclamando das bufadas nada silenciosas do demônio, não havia como saber ao certo. Último da fila, as sombras da floresta abraçavam e quase escondiam seu corpo, só deixando à mostra os olhos emanando energia daemoniana vermelha.

Olhando aqueles pontos de luz rubra flutuando no meio da negridão da floresta, James não possuía qualquer dúvida de que aquela era a imagem mais pavorosa que viu na vida. Chegou a pensar que precisava de um beliscão para acordar daquele pesadelo! Sem sombra de dúvidas, não confiava em demônios, e preferia um pequeno goblin no final daquela fila, com sua estatura diminuta, grandes olhos verdes e orelhas pontudas. Mas, as coisas eram o que eram.

Desviou o olhar e voltou a atenção ao caminho em frente, retomando a marcha na direção da fosforescente estatueta de Astarot. Sentindo que a escuridão tentava engoli-lo, James projetava, num facho, a luz azulada do globo de energia que copiava seus movimentos

entre os troncos das árvores, mas não adiantava muita coisa, pois continuava mal conseguindo ver o caminho à frente.

Sem demora, um estrondo e farfalhar de folhas deixaram seu coração aos solavancos, pois pensou o pior, que estavam sendo atacados ou algo do tipo. Porém, no momento em que se virou na direção do barulho, percebeu que foi Marbas que bateu os chifres em um grosso galho, de onde uma coruja alçou voo, chirriando, por certo incomodada.

Antes que pudesse se acalmar ou Drogo reclamar, Galizur, com os braços abertos e mãos espalmadas, sussurrou:

— Shhh. Um momento.

A energia azul dos magos que, naquele momento, incendiou os olhos de Drogo, clareando a larga aba negra de seu pontudo chapéu, também iluminou os cabelos encaracolados do anjo. E, para completar a cena, os olhos de energia daemoniana vermelha de Marbas brilharam ainda mais fortes, e o demônio bufou um som grave que reverberou no peito de James, que mal respirava. Aquilo era péssima notícia.

— O que houve? – Perguntou com o coração querendo saltar boca afora enquanto diminuía a intensidade do seu globo de energia. Era melhor chamar o mínimo possível de atenção.

— Achei que... – E Galizur relaxou os braços, meneando a cabeça. – Algo pareceu se mover perto da entrada da caverna.

— Esses anjos – e Marbas bufou mais uma vez. – Sempre imaginando coisas!

Drogo colocou as mãos na cintura enquanto os olhos paravam de brilhar:

— Isso é uma floresta, Galizur! Movimentos, sombras e ruídos estranhos são cotidianos. Acalme-se.

— É... Pode não ser nada – concordou o anjo acenando com a cabeça, mas sem convicção.

— Ok. Vamos continuar... – E James mais uma vez intensificou a luminosidade do seu globo de energia azul. Precisavam prosseguir,

apesar do que, pressentia algo errado, fora do lugar, mas não sabia o que era. Chegou a cogitar a hipótese de que entravam em uma emboscada. Mas, o que poderia fazer a respeito? Retroceder não era uma opção. – Mantenham os olhos bem abertos – e recolocou o grupo em movimento.

– Nem precisava me dizer... – Galizur respondeu.

A entrada da caverna se avizinhava. Sem cessar o passo James, bom coração e educado como sempre, agradeceu ao seu amigo, antigo professor e mentor Riley Drogo, pois sem sua ajuda e dicas jamais encontrariam o mausoléu de Merlin.

– É uma honra – e Drogo colocou a mão sobre o ombro de James. – Enfim libertaremos Merlin. A Ordem retomará o antigo vigor e poder. Isso é o que de fato importa.

Com certeza, era isso o que mais importava. Nos quinhentos anos sem Merlin, a magia adormeceu na Terra, reduzindo a Ordem dos Magos e Bruxas a poucos membros atuantes. E, o pior: com muitos dos magos raptados por Angelicorum, Daemonion e Elysium, escravizados e condenados a se exaurirem até a morte a energia mágica abrindo portais interdimensionais. Era para acabar com isso que se encontravam naquela negra floresta. James libertaria Merlin, devolvendo o poder da magia ao mundo dos magos e restaurando seu lugar entre as dimensões. Um objetivo meritório.

O quarteto parou defronte à pequena e fluorescente estátua do dragão Astarot afixada na entrada de uma caverna. James sabia muito bem que objetos feitos de energia mágica azul só brilhavam na presença de magos e bruxas, sendo comum sua utilização para marcar lugares e indicar rotas secretas em Magus.

– Tem de ser aqui! – A entrada da caverna se encontrava tomada por vegetação, e James não encontrou qualquer construção lembrando um mausoléu, cripta ou simples túmulo. Porém, após o que leu sobre as buscas ao mausoléu de Merlin no passado, a expectativa era que se encontrasse em lugar acima de qualquer suspeita. Justamente onde ninguém desconfiasse, e aquela caverna



era assim mesmo. Aquele foi um momento de alegria, no qual se sentiu bem e com senso de dever cumprido. A escuridão da floresta, a possibilidade de uma entidade mágica pular das sombras e mesmo a falta de confiança em anjos e demônios, não mais pareciam tão terríveis. Doce ilusão.

Removendo plantas e galhos com as mãos, James foi o primeiro a entrar. Se alguma vez pensou que a floresta era escura, isso foi porque ainda não havia entrado naquela caverna! Ali dentro, a negridão pulsava viva, e a impressão era a de que, a qualquer momento, ela o engoliria! As teias de aranha que grudaram em seu rosto deixaram claro que ninguém entrava ali há muito tempo, o que era bom sinal. Enquanto avançava pé ante pé com a luz do globo de energia refletindo na umidade das paredes, sua túnica azul vibrava com as pesadas passadas de Marbas, as quais ecoavam na distância, criando o contexto perfeito de um pesadelo.

— Que lugar sinistro! — Deixou escapar se virando para os colegas, e evitou mirar os olhos, de brilhante energia daemoniana vermelha, de Marbas. Evidente, pois senão teria certeza absoluta de viver o pior pesadelo de sua vida!

— Isso parece simples demais para meu gosto... — Galizur murmurou.

— Simples? Somos os primeiros a pisar aqui em quinhentos anos! — E Drogo encolheu os ombros. — O que esperava? Um exército nos aguardando? — E riu baixinho, acompanhado por Marbas.

— Não sei... — E Galizur suspirou, ruidosamente. — Não gosto disso.

— Caso houvesse magias barrando a entrada, qualquer entidade mágica desconfiaria que algo importante se escondia aqui...

— Complementou Drogo.

— Verdade — o sempre ingênuo e sem maldade James concordou. — E, com certeza, isso é a última coisa que Merlin gostaria que acontecesse. Mas, é hora de descobriremos o que há aqui dentro. Visio absoluta! — Falou virando-se e uma onda de energia azul dos

magos percorreu o interior da caverna, movendo-se depressa em direção ao fundo. Se alguém enfeitiçou aquelas paredes, saberiam, pois essa era uma magia potente.

— James, James! Quantas vezes já falei para não vocalizar magias? — A grave entonação de Drogo era de um mestre falando com o pupilo. — Pense. A energia dentro de você escutará. Ela é você.

— Eu sei, eu sei... Péssimo hábito — respondeu olhando para o chão. Aquela era a resposta pronta dos tempos de garoto, quando cometia erros aprendendo a utilizar e controlar a energia mágica. Porém, a verdade é que James nunca foi um mago dedicado a descobrir magias, jamais aprendendo a pensar somente no que pretendia liberar. Tentou se justificar, encolhendo os ombros: — não participamos dos duelos élficos há cinco séculos! Acho que não há perigo de um contrafeitiço — e riu, um sorriso amarelo e sem jeito, igualzinho ao dos tempos de garoto e que Drogo respondia com um olhar severo e desaprovador. Preferiu não conferir o olhar de seu antigo mestre naquele momento, e voltou a atenção ao interior da caverna.

A uma primeira olhada, a magia nada afetou ou modificou. No entanto, intensificando a luminosidade do seu globo de energia azul, percebeu alteração na parede lateral à frente do grupo. Nela, apareceu uma depressão inexistente nas pedras, e isso era ótimo sinal!

— O que temos aqui? — Murmurou ao se aproximar, e viu que a depressão abrigava uma porta dupla de madeira, grande o suficiente para Marbas entrar por ela ereto, sequer batendo os chifres! — Olhem!

— O tamanho, o trabalhado em ferro, as argolas e os cravos... Inegavelmente, medieval — Drogo comentou.

— Que é a época em que Merlin adormeceu! — Completou Galizur.

— Parabéns, James — Marbas falou com sua grave voz.

James, alegre e eufórico, como sempre ficava, ao conseguir algo que muito queria, com o coração aos solavancos avançou a passos largos na direção das grandes portas. Sequer se importou com a

palpável e pulsante negridão do local, e limpou teias de aranha com as mãos enquanto o globo de energia seguia todos os movimentos, pulando frenético perto de seu ombro.

Sem hesitar, puxou ambas as argolas de ferro, e as pesadas portas começaram a abrir, com a madeira estalando e as dobradiças enferrujadas rangendo alto. Marbas e Galizur terminaram de abri-las, e James foi o primeiro a adentrar a câmara, na qual, mesmo intensificando a luz do globo de energia azul, as sombras teimavam em engolir as paredes e o teto.

A cada passada que dava lá dentro, concordava mais e mais com o anjo.

— Você tem razão, Galizur. Isso está fácil demais...

— Nem me fale.

Um cheiro azedo e podre pairava no ar estagnado da câmara, e James percebia a escuridão começando a entrar em si, querendo se apoderar de sua alma. Intuiu, uma vez mais, que deveria sair sem demora dali, pois corria grande perigo, mas controlou o medo. Se ele fosse uma bruxa, com certeza, teria escutado sua intuição e escapado. Mas, era um mago.

Súbito, claro e alto a voz grave do demônio evocou, ecoando como um trovão na escura câmara:

— Maaarbaaaas!

James sabia que aquela evocação significava iminente embate, pois demônios utilizam como nome a melhor magia de armas que eram capazes de evocar. Para entender o que acontecia, girou tão rápido nos calcanhares que se desequilibrou, quase caindo no chão, e viu a energia daemoniana vermelha, característica da dimensão Daemonion, abraçar o musculoso corpo de Marbas. Um elmo de energia vermelha, que lembrava enorme raposa com imensos dentes à mostra, tomou sua cabeça ao mesmo tempo em que apareceram longas garras de energia nas mãos. No mesmo momento, a energia rubra se solidificou em um metal escuro e opaco, o que significava que o demônio se encontrava pronto para o combate!

Perto dele, os olhos de Drogo voltaram a brilhar com intensidade, faiscando a energia azul dos magos. Porém, apesar de vasculhar a câmara, James não identificou qualquer agressor. O que, então, teria assustado Marbas? O que ele enxergou que James não conseguia? Seria contramedida a alguma terrível magia de Merlin protegendo o local?

Perto de si, Galizur também aparentava se encontrar perdido e sem saber o que acontecia, pois movia a cabeça para todos os lados. Ele, que também se virou para ver Marbas, agora, encarava James, possivelmente buscando respostas. E elas não demoraram.

No segundo seguinte, súbita agitação chamou a atenção de James. Era Marbas, atacando! Com decidido e ágil movimento para seu corpanzil, ele se aproximou pelas costas de Galizur e enterrou os enormes dentes em seu ombro e peito.

O grito de agonia do anjo preencheu a câmara, e James não entendia mais nada, só o que sabia era que a escuridão chegava cada vez mais perto de si. Pensou que aquele era um dos sons mais horríveis que escutou na vida, e que deveria mesmo estar em um terrível pesadelo, do qual gostaria de acordar o quanto antes possível. Porém, o abrupto silêncio que se seguiu foi ainda pior, quando Marbas levantou Galizur no ar, ainda preso à sua mandíbula, e cravou-lhe as garras nas costas, que saíram na parte frontal do abdômen do anjo, jorrando sangue azul para todos os lados!

A cena de Marbas matando Galizur a sangue frio foi horrível de ser presenciada e pegou James de surpresa, que não sabia se aquilo de fato acontecia ou se ele apenas sonhava. Por que Marbas agiu assim? O que acontecia? Seu corpo congelou, e não sabia o que fazer. Para quem pedir ajuda? Chegou a ponderar atacar o demônio, mas, Drogo também não havia feito qualquer coisa nesse sentido. Talvez, Marbas possuísse razoável motivo para agir daquela maneira. O melhor era aguardar para que se explicasse.

Como gostaria que meu amigo James tivesse confiado em sua intuição. Mas, agora, era tarde.



## Tradução três

**M**EU SEMPRE OTIMISTA AMIGO JAMES, que não desgrudava os olhos de Marbas e Galizur, enxergou o demônio atirar o anjo a metros de distância com violento movimento de pescoço e cabeça. Após voar pelos ares, o corpo ensanguentado e sem vida atingiu o solo com surdo baque, e foi quase engolido pela escuridão que abraçava a câmara.

James mal respirava, e pensou que seu coração explodiria, tamanha a força com que batia dentro do peito. Apesar de saber ser tarde demais, queria ajudar Galizur. Hesitante, deu alguns passos na direção do anjo, sentindo um gosto amargo de suco gástrico na boca, e foi naquele momento que percebeu, com o canto dos olhos, Drogo levantar a mão.

Súbito, seu corpo formigou, e, mesmo tentando com todas as forças, não mais conseguiu se mover! E, para piorar, a cada segundo que passava dentro daquela fedorenta câmara tomada de trevas, compreendia ainda menos os acontecimentos. Por que seu antigo mestre o imobilizou? Protegia-o? E por que ele não atacou Marbas, e vice-versa?

— James, James! O que faço com você? — E Drogo se aproximou do corpo de Galizur, cutucando-o de leve com o pé e não obtendo qualquer resposta. — Esses anjos... — E meneou a cabeça, ao mesmo tempo em que criou um globo de energia que flutuou para próximo do ombro, o que iluminou um pouco mais a negra câmara. — Acham-se tão superiores. Mas, sem suas formidáveis armaduras são quase tão frágeis quanto nós. Não aguentam o carinho de um demônio...

Após Drogo falar aquilo, Marbas soltou uma gargalhada gutural, no que foi seguido por várias outras entidades! E as outras

gargalhadas emanavam de todos os lados, de dentro da escuridão que engolia as paredes daquela câmara horrenda! Aquilo pegou James de surpresa. E, o pior, é que a magia lançada por Drogo não o deixava virar o pescoço para tentar ver quem se encontrava lá com eles. Pelo grave timbre das risadas, concluiu que deveriam ser demônios. Afinal, o que acontecia?

Infelizmente, a resposta às dúvidas do meu ingênuo amigo James não demorou. Incrédulo, viu brilharem dezenas de pontos de energia daemoniana vermelha, que flutuavam nas sombras. Aquilo, sem sombra de dúvidas, não podia ser verdade. Era pesadelo. Sim, só podia ser. O que tantos demônios faziam ali? Era uma emboscada? Ou ajudariam a encontrar Merlin? Mesmo na mais terrível das situações, James continuava otimista.

Alguns metros a sua frente, Drogo, que não pareceu nada surpreso ao saber da presença de tantos demônios, pois nada disse ou fez, virou-se para James. A faiscante energia azul dos magos, de seus olhos, refletia na seda negra de suas vestes, no momento em que falou:

— Você, de fato, achou que encontraria Merlin? – E riu, meneando a cabeça. – Você é mais ingênuo do que eu imaginava – e se aproximou de James, seguido por seu globo de energia que lhe copiava os movimentos. – O retorno de Merlin é lenda! Nada, além disso, meu amigo. E mais: a essa altura, se nenhum anjo ou demônio o assassinou nesses quinhentos anos, estaria morto de qualquer maneira. Você bem sabe que, até hoje, nenhum mago passou dos cento e cinquenta e poucos anos...

— Isso é verdade – Marbas concordou, bufando.

Ao perceber que o demônio concordava com Drogo, a ficha enfim caiu para James. Era seu antigo mestre o arquiteto dos acontecimentos! Sim, pois veio dele as informações sobre a localização do mausoléu, onde em tese repousava Merlin. Foi ele que pediu para Galizur não portar armadura ou armas, para não perturbar a harmonia da floresta. O tempo todo, ele maquinava... Naquela

momento, veio à mente de James a lembrança de que os livros da Ordem sempre alertaram para que não confiassem em anjos e demônios. Pelo visto, também deveria incluir magos na lista.

Sua vontade era a de se libertar para esmurrar Drogo no nariz! No que ele pensava? Aquilo não ficaria barato. Porém, a barreira mágica que ele lançou era forte demais, imobilizava James quase por completo, exceto boca e olhos:

— Não acredito que um Cavaleiro da Ordem pense tamanho absurdo. É claro que Merlin não morreu! – Nesse momento, atrás de Drogo, James viu Marbas se aproximar com seus pesados passos tremendo o chão da câmara. A lembrança do horrível ataque a Galizur inundou sua mente, e uma vez mais percebeu forte gosto amargo na boca. Ele seria a próxima vítima? O desespero conectou seu cérebro a lembranças da esposa Emily. O tip-top com Astarot bordado, a barriga crescendo e as últimas palavras que trocaram, quando ela pediu para que não demorasse demais a voltar para casa, senão morreria de saudades. Precisava dar um jeito de se soltar e sumir dali!

Em sua frente, Drogo falou algo a Marbas, ao que ele respondeu se afastando e se juntando aos outros demônios, adicionando mais dois olhos de energia vermelha na escuridão. E, Drogo retomou a conversa:

— Há muito mais em jogo do que imagina James. Além disso, você é o último descendente vivo de Merlin. Portanto, o único capaz de abrir a câmara em que ele em tese repousa – e encolheu os ombros, espalmando as mãos: – Sem você, nada de Merlin!

Aquelas palavras soaram vazias aos ouvidos de James:

— Se de fato acredita não passar de lenda o retorno dele, por que precisa se livrar de mim? – Essa era uma característica marcante em James: mesmo em situações difíceis, ele sempre conseguia se acalmar e raciocinar. E não foi diferente naquela noite.

— Não, não. Você entendeu tudo errado. Não preciso me livrar de você, James! O manteremos preso por mera garantia...

— Somos escravos! Você não pode pactuar com isso! — Lutava para se soltar enquanto vasculhava os cantos do cérebro à procura de um contrafeitiço eficaz para cancelar a magia de Drogo. No entanto, não se lembrava de nada promissor. A não ser uma magia que nunca conseguiu aprender direito... Quem sabe, querendo tanto quanto queria se libertar naquele momento, enfim ela funcionasse! Valia a pena tentar: — Libertas absoluta!

Após dizer aquelas palavras, em sua frente, Drogo meneou a cabeça e moveu para os lados o dedo indicador, por certo desaprovando a tentativa. James não sabia se ele reprovou a magia ou sua vocalização. Talvez, ambas.

— Não basta conhecer a existência de uma magia para ela funcionar, James. É necessário compreendê-la em sua plenitude, e merecer o conhecimento. Achei que, ao menos isso, havia conseguido lhe ensinar... — E Drogo riu, seguido por vários dos demônios nas sombras da câmara, os quais James quase havia esquecido que ali se encontravam. — Antes de qualquer coisa, você precisaria conhecer o encanto que apliquei para que a Libertas conseguisse anulá-lo.

Agora que prestou atenção, atrás de Drogo, que se encontrava a sua frente, os olhos de energia vermelha flutuando nas trevas se encontravam em frenética movimentação. Sem dúvida, os demônios se encontravam inquietos, provavelmente não querendo correr o risco de permanecerem ali quando os reforços chegassem. Eu mesmo, além de vários outros magos e bruxas, combinamos de nos encontrar com o grupo para recebermos Merlin, e levá-lo à sede da Ordem. Não havia dúvida de que, tanto Drogo quanto os demônios, sabiam disso.

Mantendo a cabeça fria, James concluiu que precisava ganhar tempo, essa era sua melhor alternativa, senão a única. Enrolaria, apesar de não querer ficar ali dentro daquela câmara um segundo além do necessário, e de possuir a impressão de que, a qualquer momento, a escuridão engoliria tudo, inclusive ele próprio.



— O que aconteceu com você, Riley? – Disse, olhando para o antigo mestre e tentando resgatar sua lucidez. – Costumava ser alguém em quem eu confiava.

— Acordei.

— Você destruirá nossa única esperança de reerguer a Ordem! O que ganhará com isso?

Drogo arqueou sobranceiras e deu de ombros:

— A chance de me tornar um necromancer sempre me tentou...

Dentre todas as loucuras possíveis que esperaria ouvir de Drogo, aquela, de tão absurda, com certeza não era uma delas! Um necromancer? E ele não sabia que, há mais de dois mil e quinhentos anos, ninguém sobrevivia ao ritual de necromancia? Isso sem contar com o fato de Daemonion tarjar a simbiose de almas como profunda desonra para a linhagem do daemoniano que participasse do ritual, sendo crime com pena de morte! Para o demônio e para o mago que, sequer, tentassem! A ideia de um demônio habitando seu corpo, e a necessidade constante de absorver almas para se manter vivo eram suficientes para nausear James. Seria o mesmo que viver dentro de um eterno pesadelo! Quem seria insano a ponto de desejar algo assim? Drogo devia, mesmo, ter perdido o juízo. Murmurou, descrente:

— Não acredito no que ouço... – E abaixou os olhos. Mais uma vez, imagens de Emily inundaram sua mente, e lágrimas coçaram seus olhos, mas ele se controlou, e reergueu a cabeça: – Você é um mago a quem todos admiram! Como pode...

Agora foi a vez de Drogo abaixar a cabeça, por certo olhando a própria túnica negra, que no lado esquerdo do peito ostentava bordado o brasão de armas da Ordem dos Magos e Bruxas, com os dizeres: *Magorum et Veneficarum Ordo – Numquam in angelis et daemonibus fidat*. Decidido, moveu a mão, que se incendiou com a energia azul dos magos, na direção do brasão e o agarrou. A seguir, levantou a cabeça, e, com rápido movimento, arrancou o brasão, deixando um buraco na túnica negra.

— Cento e quatro anos vivendo escondido – e Drogo abriu a mão mostrando para James o pedaço rasgado da seda negra, a energia consumindo-o, sequer restando pó. – Cansei de esperar pela volta do todo-poderoso Merlin, que restauraria a magia, devolvendo aos magos seu lugar entre as dimensões – e fechou a mão, os olhos faiscando energia azul. – Agora, será do meu jeito.

— Precisamos ir – Marbas se intrometeu, aproximando-se.

— Ok – Drogo respondeu se virando e dando dois passos na direção da porta dupla de madeira, para onde apontou as mãos, que incandesceram com brilhante energia dos magos. No segundo seguinte, um portal, no qual Marbas poderia entrar ereto, abriu defronte a entrada da câmara, e James compreendeu como os demônios entraram ali sem passarem pela entrada da caverna. – Pegue James, e vamos – falou para Marbas.

— Ele não vai a lugar algum – sentenciou a voz rouca e grave de um demônio que se encontrava nas sombras. Ao mesmo tempo em que falou aquilo, ele deu um passo e o globo de energia de Drogo o iluminou.

James não sabia quem era aquele daemoniano ainda maior do que Marbas, e vestido de armadura completa, que começou a brilhar energia daemoniana vermelha.

— General Chemosh... – Drogo falou. – Não sabia que se encontrava aqui, conosco.

Aquele nome James conhecia muito bem! Era de um dos principais, senão o principal, general de Daemonion, conhecido por sua crueldade e habilidade em partir os oponentes ao meio com seu famoso claymore! Ver aquela figura, com olhos rubros e brilhantes, e sabendo de sua fama, trouxe a escuridão ainda para mais perto de James.

Chemosh bufou:

— *Batsaum-Rasha...* – No momento em que falou aquele nome, o próprio Chemosh e os demônios nas trevas da câmara bateram com as patas no chão e emanaram um som estranho e que James

não conseguiu identificar. Pareciam gritos, agudos e desesperados, absolutamente horríveis. O chão tremeu com o baque das patadas, enquanto os terríveis gritos ecoavam nas paredes da câmara, e concluiu que deveria ser uma deferência ao famoso *Batsaum-Rasha*. Chemosh concluiu: – foi categórico. Só um mago retorna conosco a Daemonion – e riu, acompanhado de vários demônios.

Após aquela tétrica revelação, James prestou atenção a Drogo, que nada falou. Acaso ele não esperasse aquele desdobramento da situação, por certo, não o assustou ou incomodou em nada.

Chemosh complementou:

— Você pediu nossa confiança, mago. Bom, estamos dispostos a concedê-la. Prove que é um de nós.

De frente para James, Drogo se encontrava com o rosto sem expressão definida, não se percebia se de tristeza, indiferença ou pena:

— Tudo tem um preço... – Murmurou.

— Você não seria capaz! – James lutava tentando se libertar da barreira mágica para poder se defender, pois, não conseguia se teleportar ou lançar magias! A cada segundo que passava, a escuridão chegava cada vez mais perto, sufocando o globo de energia azul dos magos que flutuava perto do ombro. Uma vez mais, pensou em Emily, na gravidez, na esperança e felicidade de libertarem Merlin, restaurando o poder dos magos. No entanto, agora, com a traição de Drogo e a mentira sobre a localização do mausoléu de Merlin, James sentia tudo muito longe, e se distanciando cada vez mais. Só a escuridão daquela fedorenta câmara chegava mais e mais perto. Precisava fazer algo! – Ao menos deixe me defender, seu covarde...

Marbas comemorou, batendo palmas:

— Adoraremos ver um duelo!

Em resposta, Drogo fechou o portal que havia aberto, e acenou de leve com a cabeça, dando passos para trás. Sem demora, o corpo de James retomou a vida, e a sensação de formigamento passou. Podia se mover outra vez, e tentou se teleportar, pois só no que pensava era em ir para longe dali e abraçar Emily. No entanto,

Drogo devia ter lançado magias sobre a câmara, pois não conseguia se teleportar para fora dali.

— *Obstantiae Scutum Atlantidis* – foi no que conseguiu pensar naquele momento, e um escudo redondo de brilhante energia azul apareceu em sua mão. Dos escudos que lembrava, aquele, quase do seu tamanho, era o maior e mais resistente a ataques mágicos. E, o melhor: não foi Drogo quem lhe ensinou!

Assim que criou o escudo, demônios gargalharam e Drogo balançou para os lados a cabeça, por certo desaprovando a ação.

— James, James. Quão antiquado! Magos não batalham com armas de energia há séculos. Você deveria se atualizar...

— *Mortifera nix!* – James gritou, firmando os pés no chão. Sem demora, uma brilhante rajada de energia, formada por afiados flocos de neve, saiu com um estalido de sua mão!

Em resposta, Drogo abriu os braços e uma onda de energia dos magos o percorreu dos pés à cabeça. Em suas mãos, surgiram dois grandes globos de energia, e ele não atacou ou se moveu. Sequer era visível qualquer escudo para se defender, mesmo com os flocos de neve, que deixavam para trás um rastro azul, aproximando-se depressa dele. Meu ingênuo e de bom coração amigo James se preocupou, pois aquela era uma das magias mais poderosas que conhecia. Pretendia ferir Drogo, mas não matá-lo. Esperava, de verdade, que ele sobrevivesse.

Quando a magia se encontrava prestes a atingir Drogo, seus olhos e os dois globos de energia em suas mãos fulguraram a ponto de cegar James por um momento, e atraíram a rajada de energia, absorvendo-a! James mal acreditou. Aquela era uma magia potente, capaz de ferir mortalmente um batalhão de humanos! Como Drogo a absorveu, assim tão fácil? Nem sabia que tal coisa era possível! Sem dúvida, precisaria se concentrar mais, canalizar sua energia mágica, caso quisesse ter sucesso em vencer aquele embate.

O duelo prosseguiu, e a cada magia lançada por James, Drogo, sem qualquer escudo, defendia-se com movimentos de mãos, e ria

debochado. Aquela situação remeteu James aos tempos de garoto, onde seu mestre ria, brincando com ele, apontando onde errava e o que deveria fazer. Porém, naquela noite, a situação era bem diferente, pois ele nada apontava, somente ria do mesmo jeito. E, para piorar ainda mais, suas vestes negras começaram a se mesclar à negridão da câmara, dando a impressão de estarem se transformado em instrumento delas!

Em um dado momento, uma magia ricocheteou na mão de Drogo e atingiu o teto, emanando grande clarão azulado que iluminou a câmara e deixou grande buraco nas pedras. Mesmo concentrado como estava no duelo, James ouviu dois demônios conversarem perto de onde se encontrava naquele momento:

— Por que Riley não ataca?

— Ele é esperto.

— Ah? O que você quer dizer com isso?

— Magias de defesa consomem menos energia do que as de ataque.

— E, por quê?

— Ora, pois os magos não precisam emanar nada para se defenderem! E, como nascem com quantidade finita de energia mágica...

— Entendi – e o demônio bufou. – Quanto menos usa, mais vive. Esperto esse maguinho.

No momento em que escutou o comentário do demônio, James se deu conta de que Drogo não atacou uma única vez. Porém, não acreditava que fosse questão de guardar energia dos magos, mas sim, que seu antigo mestre voltou ao juízo normal, e que acabaria com aquela loucura a qualquer momento. Um otimista, até o último segundo.

No entanto, o primeiro ataque de Drogo não demorou. Uma magia nunca antes vista por James. Ela soou como um trovão ao ser emanada e atingiu em cheio seu escudo. Espantoso, o impacto desintegrou a parte em que acertou. E, no segundo seguinte, tremulando a energia azul de que era feito, o escudo brilhou e desapareceu!

E não parou por aí. A potência do ataque foi tamanha que James se desequilibrou e caiu, no que foi acompanhado por seu globo de energia que, o tempo todo, pairava perto de seu ombro.

Naquele momento, compreendeu que Drogo não desistiria do duelo ou de seu intento de se transformar em um necromancer. E sabia que ele era forte demais para ser vencido com o conhecimento de magia de que dispunha. Meu amigo James, mago de bom coração e sensato, sempre acreditou no poder da razão e de uma boa conversa, e que seriam a solução para tudo em sua vida. Porém, infelizmente, falharam naquela noite. Sozinho, deitado no chão frio daquela fétida câmara, vendo a escuridão cercandoo de todos os lados, ele ainda se agarrava na esperança de nossa chegada, pois sempre confiou nos amigos. Precisava ganhar tempo!

Então, levantou-se, arfando e ajeitando o pontudo chapéu azul, com o cheiro podre e azedo daquela câmara negra ardendo seu nariz. Não sabia qual magia lançar ou que escudo usar a seguir. Mais uma vez teve a sensação de que habitava um pesadelo, e que, sem demora, sua amada Emily o acordaria, deitado na cama do quarto, com ela sorrindo e lhe acalmando, dizendo: ‘passou, meu amor. Foi só um sonho ruim.’

— Acabe logo com isso, Riley – Chemosh comandou antes que James pudesse falar qualquer coisa.

Com aquela frase ecoando nas paredes da câmara engolfada pela escuridão, Drogo se teleportou para junto de James, abraçando-o com força. Com o rosto apático e os olhos faiscando energia dos magos, ele sentenciou:

— Adeus.

Naquele exato momento, o covarde Riley Drogo abriu os braços e gritou como que de dor, e uma fulgurante aura de energia azul explodiu de seu corpo. Deparando-se com aquela luz azul, James mais uma vez pensou em Emily e o garotinho crescendo na barriga dela, no *tip-top* azul com Astarot bordado e no beijo de despedida.

A aura emanada por Drogo acertou James com furor, lançando-o no ar a metros de distância, para aterrissar perto de onde Galizur jazia. Seu chapéu azul rodopiou e pairou no ar, para, em seguida, tocar suavemente o solo a alguns metros de distância. O corpo formigou, e não via mais nada, só sentia o toque gelado das trevas que, enfim, conseguiram agarrar sua alma. A última imagem em sua mente foi de Emily pedindo: ‘não demore demais para voltar. Senão, morrerei de saudades.’

E meu saudoso amigo James sucumbiu à escuridão, que engoliu seu globo de energia azul dos magos.



## Tradução quatro

**H**ORAS DEPOIS, COM UM ESTALIDO SEGUIDO POR UMA NÉVOA AZULADA, eu e o goblin Ruarc saímos de meu teleporte a dois passos de acessar a varanda da casa de nossos amigos James e Emily. Quer dizer, de Emily. Olhei para os lados para me certificar de que ninguém nos seguia ou observava, o que sempre era uma possibilidade, em especial após o que aconteceu naquela madrugada. No entanto, ainda bem, nos encontrávamos sozinhos. Digo, ainda bem porque não estava em condições de me preocupar com qualquer outra coisa, pois de feliz aquela noite não possuía nada.

Para ganhar tempo, baixei vagarosamente a cabeça e comecei a limpar folhas e pequenos galhos presos na minha túnica. Enrolando, criando coragem, na verdade. Senti um aperto no peito ao olhar o chapéu azul de James que segurava em uma das mãos. Reforcei, para mim, que precisava prosseguir, colocar Emily a par do que aconteceu. Mas, e coragem, tirar de onde?

Ruarc se mantinha em silêncio quando levantei a cabeça e olhei mais uma vez ao redor. Se descobrissem sobre Emily, aí sim, tudo estaria perdido. Por sorte, afora as luzes nos postes e em poucas janelas, nos encontrávamos sozinhos com o silêncio e a escuridão da noite. Afinal, aquela era uma madrugada tão tétrica e negra quanto possível, e não só para nós dois, mas para todos os magos e bruxas. Minha vontade era voltar no tempo e salvar meu amigo. Algo impossível, pois inexistia magia capaz de voltar o tempo. Se tivesse chegado um pouco mais cedo, poderia tê-lo salvo... Mas, agora era tarde. E, para piorar, precisava encarar Emily, contando o ocorrido. Como faria para protegê-la? E a criança? Não me encontrava convencido por completo de que meus poderes seriam suficientes.

— Que situação... — Murmurei baixinho. Com a traição de Drogo, a Ordem enfraqueceria ainda mais, se é que tal coisa era possível.

— Nem me fale — Ruarc completou.

A contragosto, dei passos lentos que me colocaram defronte à porta da casa onde a única luz acesa era a da varanda. Abaixei a cabeça, e logo preferi não ter feito isso, pois vi o capacho da porta com os dizeres ‘a qui mora a felicidade’, e um nó apertou minha garganta. Respirei fundo, e meus olhos encheram-se de lágrimas quando lembrei meu amigo James me dando tapinhas nas costas, naquela tarde mesmo, satisfeito porque seria papai, dizendo que a libertação de Merlin seria um sucesso e que tudo acabaria bem.

— Que droga, James...

Ruarc nada comentou. Então, levantei os olhos e encarei o botão da campainha, e permaneci imóvel por instantes, digladiando entre a vontade de fugir dali e a necessidade de enfrentar a situação. Não queria ser o mensageiro de tamanha tragédia, mas, inexistia outra maneira. Movendo muito devagar o braço, enfim, encontrei coragem e pressionei o botão da campainha.

Sem demora, uma Emily de rosto amassado e cabelos desordenados atendeu à porta.



— Benjamin? Ruarc? — E ela arregalou os olhos e levou a mão à boca, deu dois passos para trás e chorou um choro copioso.

— Sinto muito — foi o que consegui falar entrando na casa e fechando a porta atrás de mim, após Ruarc entrar. E não consegui dizer mais nada naquele momento.

Uma hora depois, sentados à mesa da cozinha e tomando chá, Emily já havia se acalmado e pudemos continuar a conversa.

— Ninguém esperava essa traição de Riley Drogo — comentei ajeitando meu chapéu cônico ao lado do de James no canto da mesa. Ao olhar para Emily, percebi que seus olhos vermelhos fitavam a parede, e ela falou sem movê-los um milímetro sequer:

— E Merlin?

— Nenhum sinal dele ou do mausoléu. Plantaram a estatueta de Astarot na entrada da caverna, com certeza parte da armadilha — e me inclinei sobre a mesa, aproximando-me de Emily: — Esqueça Merlin. Nossa principal preocupação é com a sua segurança...

— Meu relacionamento com James era proibido pela Ordem. Não sou uma bruxa, como vocês bem sabem — e ela enxugou os olhos com um lenço de papel que pegou de uma caixinha depositada sobre a mesa. — Afora vocês dois, ninguém mais sabia de nosso amor. Muito menos sobre a gravidez. Creio que me encontro segura...

— Sim, isso age em nosso favor — e estendi o braço sobre a mesa, pegando com gentileza a mão de Emily. — Essa criança que você gesta...

— Oliver — ela corrigiu. — James queria que... — E soltou minha mão, soluçando.

Aquela situação era de partir o coração. Ainda assim, continuei:

— Oliver é nossa única esperança de reerguer a Ordem — e me recostei na cadeira. Ruarc permanecia calado. — Drogo e os demônios, com certeza investigarão a fundo a vida de James, para se certificarem de que Merlin jamais seja libertado. A possibilidade de chegarem a vocês é real...

Emily nada disse, resumindo-se a levantar ambas as mãos, fechar momentaneamente os olhos e dar de ombros, por certo demonstrando que nada poderia fazer a respeito.

Não desisti:

— Acho prudente mudar de endereço, bem como voltar a utilizar o seu nome de solteira. Isso favorecerá o anonimato.

— Tudo bem, Ben. Sempre gostei de Adams... – E ela tomou um gole de chá. – Mas, e quando Oliver crescer? James comentou que filhos de magos despertam ainda jovens para a magia – e largou a xícara no pires sobre a mesa. – Mesmo eu não sendo bruxa, acredito que ele herdará essa... Isso do pai...

— Muito provável – e também tomei um gole de chá. – Todos possuímos a energia azul dos magos dentro de nós, inclusive você. Porém, com a magia que Merlin lançou quinhentos anos atrás, hoje em dia muito poucos a despertam. Mas, descendentes de magos portam enorme potencial. Você está certa.

— E é disso que falo – e ela me encarou: – Despertando, independente de onde estivermos ou o nome que usarmos, ele será facilmente encontrado, não é verdade?

Mesmo não sendo bruxa, ela era muito bem informada.

— Sim. Correto.

— O que faremos, então? – E assoou o nariz vermelho em outro lencinho de papel.

Respirei fundo e olhei para Ruarc, que aquiesceu com um aceno de cabeça. O plano que ele montou não era o melhor, mas eu não conseguia pensar em mais nada para apresentar a Emily. Respondi também movendo a cabeça, reforçando a assertiva, mais para mim, que para ela:

— Talvez se... Quem sabe...

— Desembucha, Ben.

— O que nos ocorreu, Emily – falei pausadamente, enfim encontrando coragem para olhá-la nos olhos –, foi que, se Oliver desconhecer o mundo mágico, a Ordem, os magos, é bem possível

que a energia mágica não desperte dentro dele. Ao menos, não até que a provoquemos.

Emily silenciou por momentos, por certo refletindo, e respondeu:

— Compreendo a ideia – e abaixou os olhos, pegando outro lenço de papel. – O problema é que, eventualmente, algo deixarei escapar... Mas, sei que pensaram nisso – e assoou mais uma vez o nariz. – Afinal, o que vocês sugerem?

Senti lágrimas comicharem meus olhos, pois era muito triste o que proporia para ela. Cheguei a abrir a boca para falar, mas não consegui dizer qualquer coisa. Por sorte, com certeza compreendendo a situação em que me encontrava, Ruarc intercedeu:

— Emily, o que você não souber, Oliver também não saberá.

Meu coração batia tão forte enquanto o goblin dizia aquelas palavras que pensei que saltaria boca a fora. E, piorou ainda mais, pois por vários momentos Emily nada falou.

Enfim, ela perguntou.

— Como assim?

Eu queria responder, explicar com calma, justificar nossa ideia, mas sequer consegui abrir a boca. Acabei olhando para Ruarc, que me encarava com seus enormes olhos verdes. Ele compreendeu meu desespero, e explicou com sua voz estridente:

— Posso apagar de sua memória a lembrança de quem James de fato era. Digo... De sua descendência mágica. Você lembrará dele como uma pessoa normal. E sua passagem, como um acidente.

Emily tomou mais um gole de chá, que por certo se encontrava gelado, e não comentou qualquer coisa.

Finalmente, consegui falar:

— Sei que é terrível, mas acredito que é a melhor maneira para você e Oliver permanecerem seguros e desconhecidos das entidades mágicas.

Ainda sem nada falar, Emily se levantou da cadeira e andou por alguns minutos a esmo e em silêncio pela cozinha, o que eu e Ruarc

respeitamos. Sem demora, ela parou defronte à janela, de costas para nós, abaixou a cabeça e suspirou alto:

— Antes de sair, James falou que você e Ruarc eram os únicos em quem eu poderia confiar se algo acontecesse – e ela se virou, e vi lágrimas rolares por suas bochechas rosadas, o que deu um nó na minha garganta. – Confio no julgamento de vocês – e ela enxugou o rosto com as mãos. – No entanto, James merece que seu filho saiba quem ele era. O próprio Oliver precisará saber quem ele de fato é.

Naquele momento, levantei-me da cadeira e me aproximei de Emily, pegando suas mãos:

— Quando a hora chegar, contarei tudo a ele. Prometo. Acompanharei seu crescimento. Estarei sempre por perto de vocês.

— Eu também – completou Ruarc.

Sem soltar minhas mãos, Emily se avizinhou e beijou meu rosto:

— Obrigada, de verdade – e soltou ambas as mãos, afastando-se. – Lembrarei de vocês, meus amigos?

Peguei meu chapéu cinzento de cima da mesa, e, enquanto o vestia, Ruarc respondeu, baixinho:

— Não.

Após a resposta, permanecemos quietos por instantes, e eu não consegui quebrar aquele silêncio. Nem saberia o que dizer.

— Ok. O que devo fazer? – Ela perguntou, batendo de leve uma mão na outra.

— Sente-se, por favor – Ruarc falou apontando para a cadeira, ao que Emily atendeu de pronto. – Pense em James. Você perceberá minha presença em suas lembranças. Não lute. Apenas me ignore – e se espichou para olhar nos olhos de Emily. – Entrarei em sua mente e bloquearei o que for necessário. Também criarei o desejo de se mudar para uma cidade bem longe daqui, ok? – E se recompôs mais uma vez.

— Você de fato consegue fazer isso?

Eu mesmo não sabia que goblins eram capazes daquilo! Pensei que só apagaria as memórias. Esses goblins, sempre escondendo o jogo...

— O que farei não é algo simples – e Ruarc deu uma risadinha. – E a pessoa deve permitir – e se afastou alguns passos, esfregando as mãos. – Pronta?

Emily aquiesceu com aceno de cabeça.

— Ok... Feche os olhos e pense em James – e os grandes e redondos olhos de Ruarc brilharam com a energia verde dos goblins. Então, ele espalmou as mãos, e, sem demora, uma névoa esverdeada apareceu ao redor da cabeça de Emily.



## Tradução cinco

**A**TENÇÃO, ATENÇÃO, MEUS QUERIDOS GOBLINS, POIS TRAGO TREMENDAS NOVIDADES! E SÃO BOMBÁSTICAS! OS ACONTECIMENTOS DESSA NOITE, EM UMA ESCURA E REMOTA CAVERNA NO MUNDO DOS MAGOS, TRAÇARÃO OS CONTORNOS DO FUTURO DO COSMOS. ESCUTEM DE ORELHAS EM PÉ O QUE TENHO A LHESS CONTAR!

Mabli é a nossa heroína goblin dessa fabulosa história de descoberta que ela entregou direto de Magus. E não se enganem com sua avançada idade, pois ela possui imaculada reputação, é muito atenta e dona de excelente memória! Esperem até escutarem o que ela trouxe em sua algibeira, além de muitas riquezas, é claro, como qualquer goblin de respeito. É de dar cambalhotas!

Essa estupenda Mabli andava e fuxicava entre as suntuosas salas do Castelo Drake, sede da Ordem dos Magos e Bruxas, sempre preocupada com os rumos do universo e, em particular, com a pujança da nação goblin. Atenta à incomum movimentação daquela madrugada, ela escutou muitos cochichos, e prestou uma atenção goblin para poder nos entregar, com segurança, informações precisas do que aconteceu. Ei-las!

— Era uma emboscada. Perdemos James – a bruxa Isabella Roberts informou ao mago George Collins.

Meus queridos goblins, vejam que bomba! É de James Drake que a bruxa falava, o último descendente vivo do famoso e imbatível mago Merlin Drake, desaparecido há quase quinhentos anos. Se James Drake virou comida de minhoca, Merlin Drake não retornará, e isso agrega terríveis complicações ao equilíbrio entre as dimensões mágicas!

A situação dos magos e bruxas vai de mal a pior. Isso mesmo! Sem o tão esperado retorno de Merlin Drake, não se reestabelecerá o poder total da energia azul dos magos, não restando qualquer dúvida de que se tornarão alvo fácil para a conquista e escravidão. Aliem a isso o fato de Daemonion e Elysium tramarem algo envolvendo os duelos élficos, e que, tratando-se dos fedorentos demônios, boa coisa não deve ser! Não mesmo! E, mais: Angelicorum não deixará nada barato!

Ai, ai, ai! O caldeirão borbulha! E, para completar, essa maravilhosa e inestimável informação entregue por Mabli confirma a antiga profecia goblin sobre a terrível e sangrenta Magimákia. Como sempre, e conforme esperado, os goblins acertaram! Que triunfo para Goblinantrum! Rá, rá, rá!

Nossa heroína ainda tentou colher outras informações, mas não disseram mais nada de relevante no castelo dos magos, onde a tristeza mostrou as terríveis garras. E, essa foi, com certeza, uma noite triste para Goblinantrum também, apesar de que guerra é sinônimo de

boas possibilidades de lucros! Como bons goblins, sempre devemos olhar o desastre por uma ótica otimista! Isso mesmo!

Atenção, atenção, meus queridos goblins, escovem seus trolls de companhia e subam em suas garupas! A Magimakía vem aí, e trará a morte como convidada de honra!







# SEGUNDA PARTE

